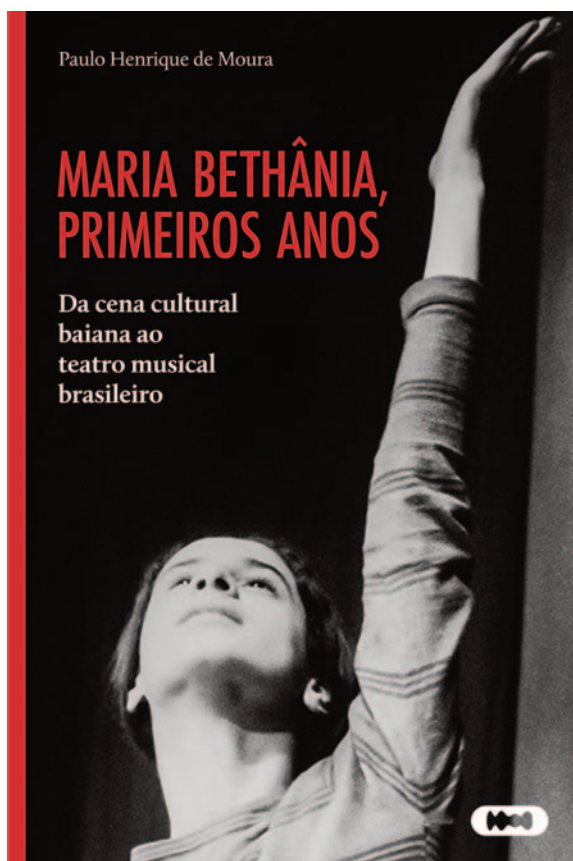




“Maria Bethânia, primeiros anos – da cena cultural baiana ao teatro musical brasileiro”

Obra de Paulo Henrique de Moura, lançada pela Letra e Voz, investiga o período formativo da artista, iluminando os contextos culturais, estéticos e políticos que moldaram uma das vozes mais singulares da música brasileira



Maria Bethânia é uma intérprete de voz e presença inconfundíveis, cuja obra – de rigor artístico raro – tem inspirado uma vasta fortuna crítica no Brasil. Ao longo das últimas décadas, sua trajetória foi objeto de dissertações, teses e

livros dedicados a compreender as múltiplas camadas de sua criação, que articula música, poesia, religiosidade, dramaturgia e gesto. Esse conjunto de reflexões acadêmicas já lhe rendeu, inclusive, diversos títulos de Doutora Honoris Causa.

É nesse horizonte que o jornalista e pesquisador Paulo Henrique de Moura lança *Maria Bethânia, primeiros anos – da cena cultural baiana ao teatro musical brasileiro*, livro derivado de sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade de São Paulo (USP) em 2024. A obra revela uma porção pouco explorada da trajetória de Maria Bethânia: os espetáculos que marcaram seus dois primeiros anos de carreira, entre 1964 e 1965.

DA BAHIA AO RIO: O NASCIMENTO DE UMA ESTRELA

No livro, Moura analisa o início da trajetória profissional de Maria Bethânia, destacando o momento em que a jovem baiana deixa Salvador rumo ao Rio de Janeiro, no início de 1965, para substituir Nara Leão no emblemático espetáculo *Opinião*. Escrito por Armando Costa, Oduvaldo Vianna Filho e Paulo Pontes, e dirigido por Augusto Boal, o musical foi um dos primeiros a enfrentar a nascente ditadura militar e a denunciar as mazelas sociais do país.



Maria Bethânia interpreta *Carcará* no espetáculo *Opinião*, 1965
Foto: YouTube / Domínio público

Naquela noite histórica, no teatro do Shopping Center Copacabana, ao lado de João do Vale e Zé Kéti, Bethânia surpreendeu público e crítica ao interpretar *Carcará* (João do Vale/José Cândido) com intensidade inédita. A força simbólica da “águia do sertão” ganhou nova dimensão em sua voz, transformando a jovem cantora em um ícone de liberdade e resistência.

OS ESPETÁCULOS DE CONTESTAÇÃO E O TEATRO POLÍTICO

Sob a direção de Boal, Bethânia participou ainda de outros dois espetáculos de caráter político em 1965: *Arena Canta Bahia*, ao lado de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa (então Maria da Graça), Tom Zé e Jards Macalé; e *Tempo de Guerra*, peça escrita especialmente para ela, inspirada em textos de Bertolt Brecht. Ambos são analisados em profundidade por Moura, que também revisita os espetáculos coletivos encenados no Teatro Vila Velha, em Salvador, no ano anterior – *Nós*, *Por Exemplo* e *Nova Bossa Velha*, *Velha Bossa Nova* – considerados embriões da futura Tropicália.

Para reconstruir esse percurso, o pesquisador teve acesso ao acervo documental do Teatro Vila Velha e recuperou registros preciosos, como uma crítica de Carlos Coqueijo publicada no *Jornal da Bahia*, na qual o jurista e cronista exaltava a performance da jovem artista:

“Não há dúvida de que Maria Bethânia (sic) é, para mim, a partir daquele sábado, o máximo, no Brasil, no canto feminino de música popular.”

MORA NA FILOSOFIA E AS CONEXÕES COM A DRAMATURGIA

O livro também analisa o espetáculo *Mora na Filosofia*, dirigido por Caetano Veloso em 1964, no qual Bethânia já revelava uma notável compreensão cênica. O cenário do show, que representava uma favela carioca, havia sido criado para a peça *Eles Não Usam Black-Tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, e foi incorporado à montagem por afinidade temática. O episódio, observa Moura, evidencia como a cantora, ainda em Salvador, já concebia sua arte a partir da fusão entre música e teatro.

DEPOIMENTOS E BASTIDORES

A pesquisa reúne depoimentos inéditos de Rodrigo Velloso (irmão da cantora), Gilberto Gil, Jards Macalé, Djalma Corrêa (1942-2022), Roberto Santana, Thereza Eugênia, Edy Star e da própria Maria Bethânia, fundamentais para a reconstrução dos processos criativos desses espetáculos – obras das quais não existem registros audiovisuais completos conhecidos. O estudo também revela documentos inéditos que comprovam a vigilância dos órgãos de repressão da ditadura militar sobre a artista, em razão de sua atuação em espetáculos de cunho político e de seu engajamento social.

A PERMANÊNCIA DE UMA VOZ

Mesmo sob vigilância, Maria Bethânia nunca se calou. Após *Opinião*, afastou-se por um período de *Carcará*

para evitar o rótulo de “cantora de protesto”, mas seguiu traduzindo, em sua arte, os sentimentos e as contradições do povo brasileiro.

O livro de Paulo Henrique de Moura reafirma essa permanência: a de uma intérprete que fez da palavra um corpo vivo e do palco um espaço de reinvenção – e cuja voz continua a ecoar liberdade, emoção e pensamento crítico.

“Escrever sobre os primeiros anos de Bethânia é revisitar um Brasil que também buscava se compreender. A trajetória dela no teatro político e nos palcos da Bahia mostra que, antes de ser uma cantora de sucesso, Bethânia já era uma artista completa – consciente da força simbólica da palavra e do gesto. A pesquisa é uma tentativa de recuperar esse momento fundador, quando sua arte começou a se misturar com a história do próprio país.”

SOBRE O AUTOR

Paulo Henrique de Moura é jornalista, mestre em Es-

tudos Culturais pela USP e especialista em Mídia, Informação e Cultura pelo CELACC (ECA/USP). É criador e diretor artístico do selo fonográfico Companhia de Discos do Brasil. Professor no Centro Universitário Belas Artes desde 2013, lecionou também no Senac-SP e em instituições como Santa Marcelina, UNIPAR, IED e Escola Panamericana. Com mais de 20 anos de carreira, acumula experiências em veículos de imprensa, agências, fundações e órgãos públicos.

FICHA TÉCNICA

Maria Bethânia, primeiros anos – da cena cultural baiana ao teatro musical brasileiro

Autor: Paulo Henrique de Moura

Ano: 2026

Formato: 14 x 21 cm

Páginas: 206

Editora: Letra e Voz

Preço: R\$ 68,00

Disponível em: www.letraevoz.com.br



A BURRICE DO DEMÔNIO, de Hélio Pellegrino

*Coletânea do intelectual que ajudou a moldar o Brasil
reúne artigos publicados nos anos 1980
e traz prefácio assinado por Larissa Leão de Castro*

A editora Rocco publica o clássico *A burrice do demônio*, obra fundamental de Hélio Pellegrino, que reúne 59 artigos publicados na imprensa entre 1982 e 1988. Esgotado por mais de duas décadas, o livro retorna em nova

edição, na esteira do centenário de nascimento do psicanalista e escritor mineiro, celebrado em 2024, reafirmando a atualidade de um dos principais intelectuais do Brasil no período da redemocratização.